

## ESCRITA PESSOAL, MEMÓRIA E NOVAS TECNOLOGIAS

**Sergio Barcellos<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Platão sugere que a escrita seja um instrumento para o esquecimento em vez de preservação da memória. No entanto, ao longo dos séculos, diários pessoais têm sido mantidos não só como uma "receita para lembrança", como sugere Platão, mas também como um meio de um trabalho de memória. Atualmente, observa-se cidadãos do mundo inteiro com seus olhos colados às telas de seus smartphones, iPads e notebooks, o que evidencia a necessidade de uma nova abordagem da escrita como instrumento de memória ou do esquecimento. O presente artigo explora a relação entre a escrita do diário e memória, bem como na forma como a escrita pessoal é praticada com o auxílio das novas tecnologias. Este artigo é parte de uma pesquisa de pós-doutoramento intitulada "Memória, Tempo e Escrita Diarística" - uma investigação sobre como a memória, como uma função biológica, poderia ajudar a compreender a natureza do diário enquanto "memória em progresso".

**PALAVRAS-CHAVE:** diários pessoais; novas tecnologias; memória; escrita pessoal.

**ABSTRACT:** Plato suggests that writing is a tool for forgetting instead of memory preservation. However, over the centuries, personal diaries have been kept not only as a "recipe for remembrance," as Plato suggests, but also as a means to a work of memory. Currently, citizens of the world have their eyes glued to the screens of their smartphones, iPads and laptops, which highlights the need for a new approach to writing as an instrument of memory or forgetfulness. This article explores the relationship between diary writing and memory, as well as in how personal writing is practiced with the help of new technologies. This article is part of a post-doctoral research entitled "Memory, Time and Diary Writing" - an investigation in how memory as a biological function could help to understand the nature of the diary as "work of memory."

**KEYWORDS:** personal diaries; new technologies; memory; life narrative.

### **A memória**

A literatura de ficção é rica em enredos envolvendo a perda total ou parcial da memória. Normalmente, o distúrbio da memória caminha lado a lado com experimentações ou ousadas narrativas. Como escrever sobre o que foi esquecido? A partir de qual momento? A narrativa dita tradicional, cuja estrutura comporta (ou deveria comportar) uma unidade composta de início, meio e fim, de uma trama, de nexos causais etc., quando lida com distúrbios da memória, precisa ser reestruturada para que fundo e forma se harmonizem. Assim, alguma verossimilhança interna é reivindicada. Exemplos se encontram em diversas manifestações narrativas, não somente na literatura.

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras. Fundação Capes e Hofstra University. [barcellossergio@aol.com](mailto:barcellossergio@aol.com)

O cinema, meio mais pródigo e de alcance mais abrangente, tem explorado a riqueza do tema. O filme *Amnésia* é o exemplo mais eloquente. Para contar a história de Lenny, cuja memória para novos eventos está comprometida, a narrativa é segmentada em unidades que registram eventos ocorridos nos últimos três minutos vividos pelo personagem. Essas unidades são agrupadas no sentido inverso do tempo linear. Como o personagem se mostra incapaz de consolidar memórias relativas a eventos novos, ele precisa anotar em pedaços de papel e tatuar no próprio corpo as informações de que precisa para realizar a sua tarefa de “herói”: vingar a morte de sua esposa e evitar a sua própria morte. A escrita, para a memória, passa a ser fundamental para que Lenny possa seguir adiante - ao contrário daquilo que Platão afirma, em *Fédon*, de que a escrita serviria mais ao esquecimento do que à preservação da memória. Sem a capacidade de escrever, de forma concisa, palavras que representem informações cruciais, Lenny não tem como sobreviver aos riscos que se apresentam em sua jornada.

Já o romance de 2011, da inglesa S. J. Watson, *Antes de dormir*, não somente trata da escrita contra o esquecimento, mas enfatiza a leitura dessa escrita como processo de reaprendizado da história do personagem. Christine é uma mulher de 48 anos de idade, casada, que acorda todos os dias sem saber quem é, onde está ou quem é o homem que dorme ao seu lado. Levanta-se assustada e vai ao banheiro, onde encontra pequenos bilhetes colados no espelho, com seu nome e fotografias suas com o marido. Aos poucos, Christine vai compreendendo que não está em uma casa estranha, que não tem dezessete ou vinte e dois anos. Por meio dos bilhetes deixados por seu marido, espalhados pela casa, a protagonista toma conhecimento de sua identidade. Não se vê naquelas fotografias, não se reconhece em seu corpo ou no espaço que ele ocupa, mas a história que apreende pela leitura dos bilhetes faz sentido - o único problema é que ela não vê essa história como sua, pois não consegue se lembrar de nada. Já no início do romance, em forma de diário, Christine relata um telefonema de seu terapeuta, que liga todos os dias para “lembra-la” do diário que ela mantém. Ao ler seu próprio diário, ela tem acesso a uma grande parte de sua história. Assim, dia após dia, ela desperta como uma tábua rasa e toma conhecimento de sua identidade e história no diário em que relata eventos do dia (que incluem a leitura do próprio diário e da história de sua vida). O romance, simultaneamente o resultado da prática de escrita de Christine e o produto literário da escritora S. J. Watson, apenas peca pela falta de verossimilhança interna, ao final, quando se tem conhecimento de que dois terços do diário foram destruídos (o que nos faz sentir falta

da voz de uma autor implícito, ou de uma outra instância narrativa qualquer, explicando tratar-se de uma outra recriação da memória dentro da trama da impossibilidade de formação e acesso à memória da protagonista - problema que Carlos Sussekind resolveu magistralmente em *Que pensam vocês que ele fez*)<sup>2</sup>.

Esses dois exemplos têm em comum um aspecto: a escrita como arma contra o esquecimento. Tanto no livro quanto no filme, a escrita como prática gera uma narrativa fragmentada, cuja relação com o tempo é bastante distinta. Ao contrário de uma narrativa autobiográfica retrospectiva, tanto os bilhetes e tatuagens de Lenny quanto o diário mantido por Christine registram o tempo presente, o hoje do personagem, ou, mais precisamente, o momento, ainda que esse momento remonte ao passado. Noções de tempo (passado, presente e futuro), tanto do ponto de vista da física, quanto da sociologia, se mostram bastante maleáveis. Em literatura, e mais especificamente em literatura autobiográfica, o passado é a matéria principal e sua apreensão e relato as tarefas mais essenciais. Não importa como a memória venha a ser recuperada, uma viagem no tempo sempre será necessária para a existência mesma de uma narrativa autobiográfica - uma viagem no tempo que somente a mente humana pode realizar.

A experiência de memória mais emblemática para um projeto de escrita autobiográfica parece ter sido a “memória involuntária” de Marcel Proust. A *madeleine* embebida em chá abre as portas do passado para que a busca do tempo perdido se realize. Essa experiência transcende, contudo, o espaço da criação literária e aponta para aspectos bioquímicos e de funcionamento do cérebro, no que diz respeito à recuperação de memórias do passado. No caso da obra de Proust, um projeto de escrita que durou anos, o escritor refez a trajetória de vida do personagem (e da sua própria), usando memória e criação literária. O que marca esse projeto e o diferencia do que se testemunha atualmente é que os repositórios mnemônicos do passado se apresentavam diferentemente: os objetos da memória, tais como álbuns de fotografias, coleção de cartas, diários, livros de família, etc., não foram suficientes para o projeto proustiano. Nele, havia o caminho da intuição bergsoniana para se chegar ao autoconhecimento. O que realmente torna sua narrativa possível é a encenação da experiência do passado a partir dos próprios sentidos. Ali, a experiência do passado já estava sendo

---

<sup>2</sup> Ver.: BARCELLOS, Sergio. *Armadilhas para a narrativa - Estratégias narrativas em dois romances de Carlos Sussekind*. Rio de Janeiro: Editora Velocípede Ltda., 2006.

reformulada sem a necessidade de utilização dos objetos de memória. Mais precisamente, negando tais objetos como única forma de reconstrução do passado.

## **A escrita**

Hoje, testemunhamos uma atividade intensa de escrita, ainda que fragmentada e sem pretensões literárias. E essa intensa atividade de escrita se utiliza de meios também revolucionários se comparados com os tais objetos da memória antes listados. O computador pessoal alterou a feição da prática da escrita e, com o advento da internet, tornou-se um dispositivo imprescindível para a vida atual. É a partir do computador que nos comunicamos com o outro; o computador, em vez de destruir a sociabilidade, veio apresentar uma forma nova de interação social. O computador e a internet, em vez de destruírem a cultura da escrita, forneceram novos mecanismos para que essa escrita sobrevivesse. Como se não bastasse o impacto causado pela imposição do computador pessoal conectado à internet na vida atual, a portabilidade de suas funções, do computador de mesa para os laptops e desses para os telefones celulares e tablets, veio garantir que nem um minuto se passe sem que sejamos capazes de ver e sermos vistos, de enviar e receber mensagens, de ter acesso não somente ao nosso passado, mas também ao presente e, mais ainda, ao futuro.

Uma questão que se coloca diante da popularização de aparelhos celulares capazes de enviar e receber mensagens de texto e e-mails tem a ver com o impacto de sua temporalidade sobre a integridade da língua culta, com sua sobrevivência ou com seu desaparecimento. O tempo na era do computador é medido em nano segundos, o que torna concretas velocidades inimagináveis. Essa mudança de paradigma temporal tem suas consequências diretas no comportamento humano. Estamos hoje mais intolerantes à espera e vivenciando um presente muito mais imediato. Por isso, mensagens de texto e e-mails digitados em minúsculos teclados de telefones celulares, ou em teclados virtuais em suas telas, prezam pela concisão. Uma concisão que mais se aproxima do pecado da abreviação do que pela clareza da mensagem. Em inglês, os exemplos são abundantes: abreviam-se palavras eliminando as vogais (hngr = *hunger*) ou utiliza-se um alfabeto fonético alternativo (ICU = *I see you*); utilizam-se iniciais de frases ou expressões comuns (OMG = *Oh My God*; LOL = *Laughing Out Loud*; IDK = *I Don't Know*). Como em todo cenário de inovações, tanto apocalípticos quanto integrados se manifestam como defensores ou detratores das novidades. Primeiro, o

argumento de defesa: a linguagem falada e suas especificidades antecedem ao aparecimento da escrita. Se o homem tivesse existido por apenas vinte e quatro horas, a escrita teria aparecido somente na vigésima terceira hora. Antes disso, somente a linguagem falada teria aproximado homens e mulheres, unido e separado grupos. A língua falada é espontânea enquanto a língua escrita se configura em convenção, em artifício. Os primeiros textos, assim, teriam transposto para a escrita a forma e o estilo da língua falada. Somente depois é que escritores teriam percebido as vantagens do rebuscamento da língua e, dessa forma, a literatura teria se afastado da fala coloquial, se dedicando a uma elaboração formal que viria a ser a medida do seu valor estético, por séculos e séculos.

Assim teríamos chegado aos dias atuais, testemunhando a coexistência de dois padrões da língua: a norma culta determinando os padrões do bem dizer e a realidade do processo de comunicação, na língua falada, priorizando a clareza, a objetividade e a funcionalidade da língua na vida em sociedade. Ao escrever, teríamos sempre que obedecer aos padrões de correção da língua - com algumas exceções, como, por exemplo, em mensagens curtas ou em um contexto de informalidade. Mas mesmo assim, para garantir a compreensão da mensagem sempre foi necessário um mínimo de obediência à norma. A língua falada, por contar com recursos adicionais inexistentes no texto, é mais dinâmica e capaz de corrigir ruídos e mal-entendidos mais prontamente.

Essa distinção põe em xeque o estatuto da escrita nas mensagens de texto e e-mails. Pode-se considerá-lo texto ou uma “conversa com os dedos” (“talking with your fingers”), como sugere o linguista John McWhorter? Se utilizarmos os valores mais tradicionais, esse texto conciso, fragmentado e sem tratamento formal não poderia ser tido como Texto (em maiúscula mesmo para remeter a um estatuto mais nobre que a escrita e o texto assumem dentro de um contexto pós-estruturalista). Se muito, um mau texto, um descaminho e uma ameaça à integridade da língua. Contra essa posição, McWhorter argumenta que um estudo realizado nos Estados Unidos, em 2009, pela agência governamental *National Assessment of Education Performance* verificou que um terço dos alunos de oitava série, talvez os quem mais utilizem as mensagens de texto, não tiveram sua capacidade de utilização da norma culta da língua diminuída em função da prática intensa da escrita abreviada no computador ou nos telefones celulares. Segundo ele, a acusação de que mensagens de texto acabariam com a língua escrita se mostra sem fundamento, pois, assim como os humanos podem funcionar em múltiplas línguas, eles também podem funcionar em múltiplos tipos de

linguagem. McWhorter está claramente alinhado aos “integrados” e não vê risco de essa linguagem abreviada e “errada” ocupar as páginas de jornais, revistas e livros. Ao contrário, ele reclama o reconhecimento de uma nova estética que vem no bojo dessa nova prática de escrita, uma estética que ele explica em poucas linhas:

Esse discurso no papel é vibrante, criativo e “real”, exatamente na maneira como celebramos em formas populares de música, arte, dança e vestuário. Poucos dentre nós aspira viver em um mundo no qual a única música é a clássica, a única dança é o balé e a moda corrente inclui espartilhos e coletes. Como tal, podemos todos abraçar um admirável mundo novo no qual podemos escrever e falar com os nossos dedos. (MCWHORTER, 2012).

Um argumento contrário, embora não tão apaixonadamente exposto, pode ser o do neuropsiquiatra e ganhador do Prêmio Nobel de Medicina Eric Kandel. Em entrevista recente, Kandel revelou sua preocupação em relação ao uso desmesurado dos telefones celulares (para textos, principalmente). Nas ruas de Nova York - e certamente nas ruas de centenas de outras metrópoles mundo afora - se tornou cada vez mais comum ver pessoas verificando e-mails, escrevendo ou lendo mensagens de texto ou, simplesmente, navegando na internet. A impressão que se tem é a de que o contato direto entre as pessoas estaria ameaçado pela onipresença do “outro ausente”, mediado ou *re-presentado* pelo telefone celular. A preocupação expressa por Kandel está centrada no processo evolutivo da memória humana, ou, mais precisamente, nas consequências desse comportamento no processo evolutivo da memória humana:

Nós estamos substituindo memória pelo acesso à internet. As pessoas não memorizam mais nada. Elas não precisam lembrar-se de coisas, pois elas pesquisam na internet. Isso criará, nas pessoas mais jovens, uma maneira completamente nova de usar e reter informação. Pode ser que venha a ser diferente. Após a invenção imprensa, os grandes contadores de história desapareceram. (Eric Kandel em entrevista a Paul Holdengräber na série *Live from NYPL*, em 28 de Março de 2012).

## **A tecnologia**

Embora pareça tratar-se de um fenômeno sem precedentes, o impacto de novas tecnologias sobre a escrita pessoal não é recente. Na metade do século dezessete, na Inglaterra, o surgimento de novas tecnologias de mensuração do tempo promoveu uma mudança no paradigma da prosa narrativa - principalmente no que dizia respeito à escrita referencial. Os instrumentos de cronometria, até então, estavam longe de serem precisos e

portáteis. Portabilidade e precisão, duas especificidades dessa nova tecnologia de medição do tempo, foram importantes para a promoção de uma mudança de comportamento cujo reflexo se percebeu de imediato na narrativa. Os relógios passaram a contar os minutos e as narrativas passaram a numerar os dias. Os diários auxiliavam os homens a dividir seu tempo, organizá-lo retrospectiva e prospectivamente. Os diários, ou a prática de uma escrita diuturna, trouxeram em seu bojo, décadas mais tarde, o jornalismo diário. Stuart Sherman, em *Telling Time: Clocks, Diaries and English Diurnal Form 1660-1785*, mapeia o surgimento dos relógios portáteis e a invenção ponteiro de minutos, inexistente até esse momento, e seu impacto na prosa narrativa. Concentrando-se no surgimento da escrita diarística na Inglaterra, a partir do início do século dezessete, Sherman desenvolve seu argumento explicitando como esse impacto tecnológico afetou a feição da prosa narrativa e, também, como novas modalidades narrativas referenciais surgiram a partir desse fenômeno:

Ao final do século dezoito, a contribuição dada pelo ponteiro do minuto tornou-se ao mesmo tempo familiar e eficaz devido a sua estruturação do trabalho e dos dias. A forma diuturna, também, estabeleceu algo da ordem da onipresença; estruturou alguns dos gêneros da prosa narrativa referencial mais inovadores e largamente implementados produzidos nesse período: não apenas o diário e o jornal diário, mas também a crônica, a carta-diário e os livros de viagem. (SHERMAN, 1996, p. 9).

Todos esses gêneros ou subgêneros incorporaram a forma diuturna na narrativa para permitir a escrita do tempo recém-descoberto - o tempo medido pela sua, então, unidade menor. Essa nova temporalidade afetou também a prática da leitura. Não apenas era necessário escrever de acordo com a nova temporalidade, para satisfação do próprio escritor; os leitores também demandavam uma outra forma narrativa para lidar e para apreender o novo paradigma temporal. O fenômeno, portanto, deu-se tanto no âmbito da produção quanto da recepção das narrativas diuturnas. A tecnologia, em vez de extinguir, contribuiu para o surgimento e para o desenvolvimento de uma parte das narrativas referenciais.

A presença maciça do computador na vida contemporânea não pode ser vista apenas a partir da perspectiva apocalíptica. Há os benefícios e estes estão até mesmo em adaptações de práticas mais tradicionais, como a manutenção de um diário pessoal, práticas originadas dentro a realidade tecnológica dos dias atuais. Pesquisas em psicologia há muito atestaram o valor terapêutico da manutenção do diário entre adolescentes de ambos os sexos. Entretanto, estudos mais recentes demonstram que a manutenção de blogs tem um efeito ainda mais eficaz. Uma pesquisa de professores da Universidade de Haifa, em Israel, demonstra a

vantagem dos blogs sobre os diários tradicionais em relação ao alívio da angústia e ansiedade resultantes de interações sociais. As descobertas apontam para um efeito mais positivo do blog devido à sociabilidade inerente a essa prática. Comentários de leitores se solidarizando com as experiências vividas pelo blogueiro explicariam o alívio resultante, ao contrário do diário escrito e privado, que não comportaria esse tipo de sociabilidade e, portanto, não geraria os mesmo benefícios.

Ainda haveria espaço para a prática do diário pessoal em tempos de mensagem de texto e blogs? Essa pergunta tem perpassado todo o processo de reflexão sobre a prática diarística. Se por um lado cada vez mais cresce a atração por esse tipo de narrativa, por outro resta a incerteza quanto à relevância de novos estudos sobre o diário como prática no contexto dos estudos literários. Qual a relevância de estudos cujo objeto pode estar em vias de extinção? Acredito que a resposta seja simples: sim, há a perspectiva de que cada vez menos pessoas mantenham um diário tradicional, em cadernos ou cadernetas, manuscrito ou, até mesmo, no computador. Há, entretanto, a possibilidade de que a tendência inata à fabulação ou à auto narração continue exigindo a existência de diversos suportes - e, nesse caso, haverá espaço também para o diário tradicional. E, em havendo espaço para a prática, as questões que lhe são intrínsecas estarão também presentes.

A prática do diário enceta diversas questões que vão desde seu estatuto literário até seu valor como prática sociológica, passando pelo que interessa a esse estudo, que é - de uma certa forma - uma suposta implicação na consolidação da memória autobiográfica. É necessária uma advertência: não se trata de analisar os benefícios terapêutico que a prática possa proporcionar. O mais adequado talvez fosse pensar a natureza “funcional” da prática diarística em contraste com um projeto literário distinto, tal como a redação de um romance, contos, poemas, etc. Em primeiro lugar, o projeto literário ou estético tem uma finalidade que se materializa em um texto final - publicado ou não - e visa uma audiência. Há certamente tendências tais como a produção de um texto autobiográfico como forma de lidar com o passado traumático, por exemplo. Ou ainda as ditas narrativas de recuperação ou de triunfo. Mas mesmo essas, subliminarmente, comportam um projeto que visa um produto final, em contraste com o diário, que é um fim em si mesmo. Um projeto que se justifica somente enquanto prática. Mantê-lo é processo por meio do qual consequências podem ser observadas. O produto final, disforme, não é uma finalidade do diário. O diário é um meio cujo fim é variado ou mesmo inexistente. Isso não quer dizer que diários não se prestem à

publicação, ou que não existam diários nos quais se encontre também uma qualidade literária. O núcleo da afirmação sobre a ausência de um projeto literário na prática diarística se sustenta na natureza funcional do diário, em sua motivação essencial. Ainda que possa haver uma preparação para o início da manutenção de um diário, o seu fim dependerá sempre da tarefa à qual está relacionado. Algumas tarefas são curtas, fazendo com que a prática também o seja, outras perpassam toda a vida do diarista. A questão da duração não é contemplada aqui. No maior parte das vezes, é autoexplicativa. A temporalidade que se impõe problemática é a do intervalo entre o momento do fato vivido ou testemunhado e o momento de seu registro no diário. Como esse intervalo pode ser examinado? Entre a vida e a escrita da autobiografia ou das memórias está... a vida vivida. Toda uma vida vivida que pode representar dez, vinte ou cinquenta anos. Esse espaço de tempo opera mudanças no indivíduo que serão absorvidas em sua visão do passado, na escrita autobiográfica. O que separa a experiência de vida e o seu registro no diário pode ser um pequeno momento ou algumas horas ou, no máximo, alguns dias. O intervalo será sempre curto demais para que a mudança operada no sujeito, pelo tempo, seja significativa. Qual a influência desse curto intervalo de tempo na forma como o registro diarístico representa o dado referencial? Não se pode imaginar que todo diarista possa sentar-se e registrar em seu diário imediatamente aquilo que ocorreu. Entre o evento e o registro, estão outros eventos e atividades cotidianas, não raro, uma noite de sono. E o sono, como se tem provado, é o estágio de edição da memória.

Retorno ao tópico inicial, em relação à escrita como arma contra o esquecimento. Qual a relação que se pode estabelecer entre prática do diário e a consolidação de memórias de longo prazo? Sabemos já que autobiografias e memórias são trabalhos da memória em que pesa mais o aspecto da reconstrução do percurso de uma vida - a partir do ponto de vista do sujeito que reflete sobre seu passado e o transforma em narrativa coerente e unificada. Sabemos também que não se trata de uma narrativa integralmente factual - o trabalho da memória envolve reconstrução, que, nesse caso, significa uma elaboração da memória no tempo e em suas rememorações. Podemos também entender as práticas contemporâneas de escrita - mensagens de texto, *tweets*, etc. - não apenas como uma “conversa com os dedos”, mas como uma prática de escrita inserida em uma temporalidade nunca antes experimentada: a do tempo medido em nano segundos. Como esse novo paradigma temporal, um tempo mais urgente altera a dinâmica da assimilação de conhecimento e experiências? Essa profusão de novas experiências, novos rostos e nomes, novos conhecimentos, estaria reclamando uma

forma de codificação e aprendizado também mais dinâmico e urgente? Em outras palavras, esses modernos instrumentos estariam, ou não, servindo de repositórios das percepções do sujeito diante dessas novas experiências? Diante da enorme quantidade de dados, esses instrumentos não estariam servindo de próteses ou suportes de memórias e percepções mais imediatas? E, assim, não estariam eles, ou a prática de escrita decorrente deles, mais próximos da temporalidade do diário?

A impressão que surge aqui é a de que haveria, sim, ainda sobrevida para a prática do diário. Esses novos instrumentos de sociabilidade, telefones celulares e tablets, não seriam uma ameaça à escrita, ou à memória, ou, ainda, à capacidade humana de desempenhar suas funções vitais, como a retenção de memória. Seriam, sim, uma forma mais contemporânea que remeteria a uma prática mais tradicional. Seriam não os novos diários, mas teriam em comum com estes o registro de eventos e experiências mais imediatas. Além, é claro, de pertencerem à família de textos pessoais.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- MCWHORTER John. "Talking with your fingers". *The New York Times*. Disponível em: <http://opinionator.blogs.nytimes.com/2012/04/23/talking-with-your-fingers/>. Acesso em: 23 Abril 2012.
- SHERMAN, Stuart. *Telling Time: Clocks, Diaries and English Diurnal Form 1660-1785*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.